



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AMANDA MINETTO GONÇALVES**

**“ERA UMA VEZ” UMA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: A CONSTRUÇÃO DE  
UMA TRAJETÓRIA NA DOCÊNCIA**

**São Carlos**

**2024**

**AMANDA MINETTO GONÇALVES**

**“ERA UMA VEZ” UMA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: A CONSTRUÇÃO DE  
UMA TRAJETÓRIA NA DOCÊNCIA**

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) apresentado na disciplina TCC II, como exigência para obtenção de título de Licenciada em Pedagogia, na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Michele Varotto Machado e Prof<sup>a</sup> Dra. Alessandra Arce Hai.

**São Carlos**

**2024**

## **RESUMO**

Este trabalho consiste de um Memorial de formação acadêmica, escrito por mim, Amanda Minetto Gonçalves, onde encontram-se relatos de experiências, objetivando o resgate de lembranças e memórias da minha vida pessoal e estudantil até a idade adulta. A metodologia utilizada neste trabalho envolveu a técnica de narrativa autobiográfica em primeira pessoa, e nele são abordados aspectos da minha vida escolar, das opções que fiz com relação à vida acadêmica, bem como de todas as experiências que me trouxeram até aqui. Ressalto a importância da influência da minha família e de muitos amigos nesse processo. Reviver tantos momentos levou-me a refletir sobre tudo que foi agregado à minha vida pessoal, social e profissional, resultando num processo de amadurecimento e crescimento pessoal e profissional. Escrever sobre minha trajetória escolar e acadêmica exigiu de mim ações bastante complexas de lembrar, rememorar e escrever todos os fatos que contribuíram de forma positiva para minha prática docente. Os resultados foram extremamente positivos e me permitiram reconhecer as fases de equilíbrio, de frustrações e inquietações adquiridas durante toda minha vida que vieram a marcar minha identidade e nortearam meus sonhos e a realidade que vivencio atualmente.

**Palavras-chave:** Memorial; Literatura Infantil; Formação.

## **ABSTRACT**

This work is a Memorial of Academic Formation, written by me, Amanda Minetto Gonçalves, where I provide accounts of experiences aimed at recalling memories from my personal and academic life up to adulthood. I address aspects of my school life, the choices I made regarding my academic path, as well as all the experiences that have brought me to where I am today. I emphasize the importance of the influence of my family and many friends throughout this process. Reliving these moments led me to reflect on everything that has been added to my personal, social, and professional life, resulting in a process of personal and professional growth and maturation. Writing about my educational and academic journey required me to recall and document all the events that positively contributed to my teaching practice. The results were extremely positive and allowed me to recognize the phases of balance, frustrations, and restlessness experienced throughout my life, which have shaped my identity and guided my dreams and the reality I currently live.

**Key-words:** Memorial; Children's Literature; Education.

**ASSINATURA DAS ORIENTADORAS**

---

Profª Dra. Michele Varotto Machado.

---

Profª Dra. Alessandra Arce Hai.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	6
<b>2. O PODER DA LITERATURA</b>	10
2.1. Infância e a Literatura	11
2.2. Adolescência e a Literatura	13
<b>3. FORMAÇÃO - ENCONTROS E DESENCONTROS</b>	17
3.1. A escolha	18
3.2. Desafios enfrentados	20
3.3. O tornar-se professora	23
<b>4. A LITERATURA E OS PRÓXIMOS PASSOS</b>	26
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	32
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	34

# 1. INTRODUÇÃO

Memorial é um documento que apresenta, de forma discursiva, as informações da vida acadêmica e profissional de uma pessoa. Pode ser comparado a uma autobiografia, pois o escritor descreve acontecimentos de sua vida acadêmica e profissional analisando, revisitando memórias e até mesmo criticando os fatos e as intercorrências durante essa etapa da sua vida.

De acordo com Buogo e Castro (2013),

(...) escrever um memorial pode ser considerado um exercício sistemático de relatar a própria história, de rever a própria trajetória, de aprofundar a reflexão a respeito de sua vida, podendo se tornar um exercício de autoconhecimento e, também, um instrumento reflexivo e formativo. (BUOGO e CASTRO, 2013)

O presente trabalho, neste sentido, trata-se de um Memorial de Formação, escrito por mim, Amanda Minetto Gonçalves, estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos.

O objetivo deste Memorial de Formação é contar minhas vivências, desde meu nascimento até minha trajetória na Pedagogia, destacando como a Literatura Infantil sempre esteve entrelaçada com a minha história. Foi construído com base no desenvolvimento das aulas e da minha vida estudantil.

Em relação à Metodologia adotada, este Memorial seguiu o gênero de discurso (primeira pessoa) e envolveu estruturas cognitivas que eu já dominava. *Um Memorial é uma autobiografia que se configura como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva* (SANTOS, 2005, p. 1). É também um desafio para quem o escreve, pois provoca questionamentos internos, reflexões e autocríticas, que são naturais desse processo, por ser um texto marcado pela subjetividade, e que possui a característica particular de se referir a uma história pessoal, ainda que influenciada por nuances socioculturais de onde estamos inseridos (GUEDES, 2006).

Este documento proporcionou-me a oportunidade de reconstruir minha trajetória profissional, destacando fatos e acontecimentos da minha formação e dos percursos que me encaminharam à escolha pela docência. Barbosa e Passegi (2008) afirmam que:

Esse gênero acadêmico autobiográfico é inquestionavelmente uma tradição da universidade brasileira: faz parte dela desde a sua criação. Os primeiros memoriais que temos em nossos arquivos datam dos anos 1930. Há quase oitenta anos, portanto, eles vêm pronunciando o mundo cultural do ensino

superior no Brasil. A sua trajetória acompanha a trajetória da universidade brasileira, modifica-se como ela, adapta-se às circunstâncias sócio históricas nas quais ambos se inscrevem (BARBOSA, PASSEGGI; 2008, p. 15).

Venho de uma família com muitas mulheres formadas professoras, então a profissão sempre esteve presente em minha vida, assim como livros, atividades, mimeógrafos e materiais escolares. E preciso confessar que sempre me encantou esse universo. Recordo-me de inúmeras vezes observar minha mãe ou minha tia, produzindo atividades, primeiro no estêncil e depois fazendo as cópias no mimeógrafo. Lembro da cor roxa bem vibrante, o cheirinho das folhas saindo perfeitamente impressas e levemente úmidas.

Outro fato interessante é que com 3 anos de idade já insistia muito para ser matriculada, pois queria conhecer e frequentar uma escola, escola esta que tanto eu ouvia falar. Sendo assim, como eu ainda não havia completado 4 anos para ingressar na escola pública, meus pais me matricularam em uma escolinha de educação infantil particular. Voltarei a mencionar essa escola, pois além de fazer parte da minha infância, ela também me marcou na vida adulta. Foi nesta instituição em específico (a mesma em que ingressei aos 3 anos de idade) que tive as minhas primeiras experiências escolares.

De lá, e de meus primeiros anos na escola, tenho lembranças muito agradáveis de colegas, professoras, brincadeiras. Lembro-me das salas, do parque, do meu material escolar, dos lanchinhos que minha mãe preparava e do cheiro inconfundível do pote de giz de cera que a professora colocava em nossas mesinhas para pintarmos as atividades.

Já do Ensino Fundamental, apesar de ter sido o período que fiz muitos amigos, inclusive que trouxe para a vida adulta, foi uma fase que me deixou memórias não tão boas. Tive a oportunidade de estudar em uma das melhores escolas da cidade, porém não me sentia aceita pelos colegas e foi uma fase que, mesmo ainda não se tendo muitos estudos e nem mesmo essa nomenclatura na época, o *bullying* foi muito presente nesse momento da minha vida, refletindo na forma em que eu enxergava a mim mesma na adolescência e início da vida adulta.

Saindo do ensino fundamental, cursei o ensino médio com muitas expectativas e dúvidas sobre o futuro, mas acredito que seja algo natural dessa etapa da vida.

No entanto, em todos os capítulos da minha vida escolar, sempre fui uma aluna exemplar, gostava de estudar, sempre tirava boas notas. Gostava muito das disciplinas de português, biologia, geografia. Entre a sexta e sétima série comecei a perceber que não tinha a mesma facilidade com disciplinas da área de exatas como tinha para as de humanas e biológicas. Isso fez com que eu me esforçasse ainda mais para obter boas notas. Mesmo que para mim estas

disciplinas fossem mais difíceis, sentia um enorme prazer quando conseguia entender a matéria e executar os exercícios propostos.

Já em minha etapa como estudante da aclamada Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, posso afirmar que foi um período de muita aprendizagem, transformações, resiliência e muita persistência. Iniciei o curso em 2017 com muita felicidade, otimismo, muita “sede” de aprender. A cada aula percebia o quanto o “ser professora” fazia parte de mim. Porém, no início do meu terceiro semestre de faculdade perdi meu pai de uma forma muito abrupta e triste, que abalou as estruturas de toda minha família e quando as coisas pareciam voltar para o seu lugar, o mundo foi surpreendido pela pandemia do Covid-19.

Foram dois momentos em que vi a necessidade de me readaptar, reduzir a velocidade e aceitar que nem sempre a vida segue o rumo que almejamos, mas também foram momentos que uniram minha família, que me fizeram mais forte, experiente e cada vez com mais confiança na carreira que desejo seguir.

Sendo assim, pretendo realizar um exercício de reflexão sobre essas lembranças e experiências aqui relatadas, analisando cada momento em uma perspectiva histórico-cultural, em o tempo e o ambiente são denominadores dos fatos aqui descritos.

A decisão de escrever um Memorial de Formação pareceu-me justa, ainda que difícil, pois seria uma oportunidade de contar minha história e de como a Pedagogia e a literatura sempre estiveram presentes em minha vida, revisitar todos os momentos que me marcaram, compreender e realizar reflexões que possam me elucidar e ressignificar.

Para que as histórias e ideias contadas neste trabalho sejam enriquecidas, pretendo resumir visões de educação que adquiri durante minha trajetória, com um olhar voltado à Literatura Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento da criança, com enfoque na Educação Infantil.

A partir de minha história narrada, das ideias edificadas e discutidas ao longo deste Memorial, pretendo sintetizar o que considero como destaque, as aprendizagens mais valiosas que obtive, como um fechamento de ideias, isto porque as memórias aqui relatadas trazem muitas oportunidades de compreensão das experiências que certamente irão marcar minha vida profissional.

Conforme afirma Larrosa (2002),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo



o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2002, p. 21)

Portanto, um Memorial é uma autobiografia que se configura como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Além disso, Santos (2005) afirma ser esse um desafio para quem escreve, pois provoca questionamentos internos, reflexões e autocríticas, que são naturais durante o processo de escrevê-lo, por se tratar de um texto marcado pela subjetividade, que possui a característica particular de se referir a uma história pessoal, ainda que influenciada por nuances socioculturais de onde estamos inseridos, como afirma também Guedes (2006).

Para dar sentido a este Memorial, seguirei a linha cronológica da minha vida, iniciando por minha origem: meu nascimento, minha infância, quem são meus pais, minha família, a cidade onde nasci e cresci, minhas brincadeiras preferidas, a(s) escola(s) onde estudei, bem como minhas experiências com a literatura durante minha infância e adolescência, relatando quais foram as pessoas e aprendizagens mais importantes nesse processo.

Além disso, descrevo também minhas experiências pessoais e educacionais e como cheguei ao curso de Pedagogia. Destaco quais foram os momentos, professores e disciplinas que foram levando-me a escolher a profissão que queria. Destaco a importância do estágio, para a aprendizagem prática da área da Pedagogia, bem como a importância de vivências, que levo para a vida. Minhas experiências pessoais e também as acadêmicas foram importantíssimas para constituir o que sou, tenho, e onde hoje estou, e são partes insubstituíveis no meu processo de amadurecimento intelectual e emocional como pedagoga.

Muito além das mudanças vivenciadas como pessoa, descrevo aqui minha trajetória profissional e estudantil partindo do meu nascimento até os dias atuais, relatando minhas experiências e vivências com a literatura na infância e na adolescência, minha formação anterior e o desejo de alcançar sucesso na profissão de Pedagoga.

## 2. O PODER DA LITERATURA

Nasci no dia 30 de setembro de 1991, em um fim de tarde chuvoso, na Maternidade Dona Francisca Cintra Silva, em São Carlos, através de uma cesariana, como conta minha mãe. Primeira filha de um jovem casal, não planejada, mas recebida com muita ansiedade, felicidade e amor.

Minha mãe nasceu em São Carlos, em 08 de setembro de 1971, filha caçula de uma família com muitos irmãos. Sempre muito estudiosa e dedicada, se formou no magistério (curso técnico profissionalizante de nível médio que formava professores, cursado junto com o ensino médio) em 1989. Posteriormente, quando já tinha a família formada e além de mim, meus 2 irmãos mais novos, ela também se formou em licenciatura em pedagogia, com o apoio de meu pai e de toda a família, conciliando os filhos, a casa, o trabalho como professora e o curso superior. Desde sempre ela foi motivo de muito orgulho para todos nós.

Meu pai nasceu em 19 de janeiro de 1970, em Nova América, foi criado pelos avós pois perdeu os pais ainda criança e se mudou para São Carlos com a família no início da adolescência. A infância dura foi algo que marcou sua vida, e a vontade de ressignificar sua história foi algo muito nítido nos anos que tive o prazer de sua presença em minha vida. Tinha como profissão a marcenaria, muito caprichoso em seus projetos e muito inteligente, tinha facilidade com cálculos, medidas, escalas, e sempre me auxiliava em minhas tarefas de matemática.

Quando descobriram que eu estava a caminho, meu pai tinha 20 anos e minha mãe 18, eles optaram por se casar e meu pai foi morar na casa da minha avó materna, junto com minha mãe e minha tia Geny. Um lar muito simples, mas muito rico em amor e afeto. Meu pai sempre considerou minha avó materna como uma mãe, e minha tia como irmã.

Em 1995 nasceu meu irmão Otávio, com quem compartilho deliciosas lembranças da infância, brincadeiras e aprendizagens, pois temos apenas 3 anos e 4 meses de diferença de idade. Em 2001 nasceu minha irmã Gabriela, 10 anos mais nova que eu, mas ainda assim minha melhor amiga.

Moramos todos juntos, eu, meus irmãos, meus pais, minha avó Ercília e minha tia Geny até meados de 2002, 2003, quando ficou pronta a casa que meus pais construíram. Sendo assim, nós sete sempre fomos muito próximos e unidos e as minhas memórias da infância são da casa da Tia Geny e da Vó Ercília.

Fui filha única por quase 4 anos e após o nascimento do meu irmão, minha mãe voltou a trabalhar, então passávamos a parte que não estávamos na escola, junto da minha avó.

Tenho memórias maravilhosas dela, ela me contava histórias de sua infância na fazenda e tudo que sei sobre seus pais são sobre as histórias que contava. Seu pai nasceu na Itália e veio para o Brasil em um navio como imigrante ainda muito jovem, por volta do ano de 1900. Vó Ercília brincava muito comigo no jardim de sua casa, brincávamos de casinha e ela sempre estava disposta a cozinhar tudo que eu desejasse: pães caseiros, bolinho de chuva, arroz fresquinho e muito suco de laranja. Ela faleceu em 2016 aos 92 anos de causas naturais e não há um dia que eu não pense nela saudosamente. Escrever essas memórias me traz lágrimas nos olhos, pois sinto muitas saudades.

Minha tia Geny optou por não ter filhos, então sempre se dedicou em cuidar da minha mãe, pois quando minha mãe nasceu, tia Geny já tinha 20 anos, e depois se dedicou à nós, seus sobrinhos.

Com uma infância também muito humilde, permeada desde pequena pelo trabalho, também se formou professora, com especialização em artes, para qual sempre foi muito nítido seu dom. Tia Geny trabalhou por muitos anos como professora de educação infantil e ensino fundamental na rede estadual e municipal de São Carlos. Tia Geny costura (chegou a trabalhar como costureira em confecções), borda entre muitas técnicas o ponto cruz que me ensinou ainda na infância, faz crochê, tricô, pintava quadros, um incrível dom com as mãos e para tudo que é belo. Sempre foi também muito querida entre seus alunos e pais.

## *2.1 Infância e a Literatura*

Agora escrevendo esse Memorial e lembrando minha infância, percebo o quanto o lúdico sempre esteve presente na minha rotina, às vezes ouvindo histórias lidas e contadas pela minha mãe, tia e avó, às vezes cantando, pintando, criando.

De acordo com Pereira (2015), a leitura literária tem um papel importantíssimo na formação humana, logo, notamos a necessidade de formação de leitores literários em nossa sociedade.

Lembro-me de gravar fitas cassetes com minha tia. Nelas eu cantava músicas infantis, recontava e criava histórias, misturava meus personagens favoritos, outrora ela colocava para tocar as fitas que havia gravado com a minha mãe ainda criança.

Nesta casa que morávamos, possuía 2 quartos, um meu e dos meus pais (que depois também acomodou meus irmãos) e outro que ela dividia com a minha avó. Eu adorava dormir

no quarto delas, dividindo a cama de solteiro com a minha tia. Entre nossos programas noturnos favoritos estava, antes de dormir, acender uma luminária temática de fundo do mar, com muitos peixinhos que refletiam e rodavam o quarto todo, enquanto ela me divertia com histórias e músicas. Às vezes eram as mesmas histórias mas mudávamos o desfecho final. Sem dúvidas essas noites estão entre as minhas mais doces lembranças da infância.

Recordo-me das noites aconchegantes no quarto que dividia com minha tia, onde compartilhávamos histórias e músicas antes de adormecer. Como mencionado por Zilberman (2009), a literatura, ao incorporar a imaginação do autor para criar um mundo coerente e compreensível, alimenta-se da fantasia para se comunicar com o leitor. Assim como as narrativas que compartilhávamos, a literatura documenta seu tempo de forma lúcida e crítica, mantendo-se sempre original, revelando a capacidade de criar formas e expressões inusitadas, como afirma a autora.

Tia Geny também me presenteava com muitos livros, mas eu tinha minhas histórias favoritas, entre elas estavam: “A Galinha Ruiva”, “Fiz o que pude”, e “O caso do Bolinho”, de Tatiana Belinky.<sup>1</sup>

Eu sentia um carinho enorme pelos personagens, pelas histórias de cada um, pela lição que cada livro deixava, muitas vezes conversávamos sobre a moral dos livros infantis e outras usávamos as personagens das histórias que líamos para criarmos histórias diferentes.

Otte e Kovács (2002) ressaltam que, para todo aquele que conta uma história, há aquele que o escuta, sendo este segundo privilegiado pela possibilidade de descobrir o mundo em sua infinidade de conflitos, de dificuldades, de impasses e de soluções, situações pelas quais o ser humano inevitavelmente atravessa e vive, cada qual com sua peculiaridade. Assim como na realidade, as personagens de cada história, enfrentam ou não seus problemas, dando seu sentido e usando seu senso crítico para cada vivência. Ouvir histórias desperta, também, emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar, fatores esses que foram essenciais no decorrer de minha vida, especialmente na adolescência.

---

<sup>1</sup> Fiúza, Elza. A Galinha Ruiva – Recontado por Elza Fiúza. Consultoria editorial de Nelly Novaes Coelho. São Paulo, 1996 ( Clássicos Infantis).  
Almeida, Lucilia J. Fiz o que pude. Edição. 2ª ; Editora Moderna, 2002.  
Belinky, Tatiana. O caso do Bolinho. 2ª edição. Editora Moderna. São Paulo, 2017.

Hoje consigo perceber que o meu sucesso na escola durante a minha infância, se deve muito aos meus pais, avós, tias e à forma como me trataram desde pequena. Olho para trás com um sentimento de que eles realmente se preocupavam em educar seres humanos integrais. Sempre que possível, conversávamos sobre situações difíceis da vida e sobre como lidar com elas, bem como sobre eventuais desafios que surgissem ao longo da vida.

## 2.2 *Adolescência e a Literatura*

Ao longo da minha adolescência, cresci, me desenvolvi e mudei de escola, tendo que me habituar e fazer novas amizades. Por volta dos 13 e 14 anos li livros voltados para essa faixa etária, recordo-me de ter feito o cadastro na Biblioteca Municipal e sempre buscava livros para leitura recreativa.

Meus favoritos eram os que envolviam mistérios e histórias que se relacionavam com fatos históricos e verídicos. Nesse período o livro que mais me marcou foi o “Menino do pijama listrado” de John Boyne<sup>2</sup>, que aborda uma amizade entre crianças inocentes diante da monstruosidade do holocausto. Eu tentava ir com a maior frequência possível à biblioteca, mas como ainda era muito jovem, meus pais preocupavam-se comigo andando sozinha e pegando ônibus, então só conseguia ir quando combinava com um grupo de amigas e os avisava previamente.

Durante a minha adolescência outros títulos que me marcaram foram a saga do bruxo *Harry Potter* da autora britânica J.K. Rowling e também clássicos que eu lia para já me preparar para os vestibulares, como “Vidas Secas” (e a inesquecível cachorrinha chamada Baleia) de Graciliano Ramos, “Dom Casmurro” de Machado de Assis, ‘Capitães de Areia’ de Jorge Amado, entre outros.<sup>3</sup>

Durante o meu ensino médio, até o final do último ano, foi um tempo de decisões e indecisões, pois enquanto me formava como pessoa adulta, não me sentia preparada para definir qual carreira eu seguiria, qual área, pois possuía uma afinidade com as áreas de humanas e biológicas, amava as aulas de Literatura, mas também as de biologia, meu coração não sabia qual direção seguir, mas uma certeza eu tinha: a necessidade de não me afastar da minha família para realizar a graduação. Essa por dois motivos, primeiramente não me sentia confiante para

---

<sup>2</sup>BOYNE, John. O menino do pijama listrado. Traduzido por Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>3</sup> ROWLING, J. K. Harry Potter e a pedra filosofal. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000. 263 p.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 41 Ed. São Paulo, Record: 1978.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AMADO, Jorge. Capitães da Areia. 92ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.

começar uma graduação em outra cidade, e a questão financeira também era uma agravante. Nessa época meus pais já eram separados, minha mãe trabalhava como professora em duas escolas, uma aqui em São Carlos e outra em Ibaté (nas quais ela permaneceu até hoje com 3 filhos, eu mais velha com 18 anos, meu irmão com 15 e minha irmã com apenas 8, que por ser a mais nova era também a única que recebia pensão do meu pai.

Nesse turbilhão de emoções, meu pai expressava seu desejo de que eu cursasse Direito, já minha mãe me apoiaria em qual fosse a minha escolha. Os vestibulares chegaram e eu prestei Biotecnologia, Biologia pelo SISU, curso qual consegui a vaga para cursar na UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia). Cheguei a passar em alguns outros cursos, mas não sentia segurança, ou uma vocação para ingressar.

Sendo assim, decidi continuar estudando e me matriculei em cursos preparatórios para o vestibular, que frequentei por dois anos.

O primeiro era um curso caro e bem-conceituado. Meu pai já tinha amizade com o dono por ter feito os armários planejados de sua casa (como já mencionei anteriormente, meu pai tinha uma marcenaria), então, ele trocou meu curso de um ano por trabalhos feitos pela sua marcenaria. Foi nesse primeiro ano de cursinho que percebi com mais nitidez minha preferência pelas disciplinas de humanas e biológicas.

Não me recordo com precisão dos professores que tive, mas me lembro das aulas de literatura, nas quais nada tirava minha atenção do professor. Gostava de absorver tudo que era oferecido sobre os títulos e análises sobre os mesmos. Às vezes tínhamos aulas abertas sobre literatura fora do horário de aula, que aconteciam em um cinema no centro da cidade, também gostava muito dessas aulas.

Nesse período eu ainda tinha dúvidas sobre quais cursos eu prestaria o vestibular, entre minhas opções estavam a Medicina Veterinária e a Pedagogia, mas também pensava sobre Fisioterapia e Biotecnologia.

Com meus 19 anos, eu acreditava que em algum momento eu teria certeza plena da minha escolha, não só profissional, mas em todos os âmbitos da minha vida. Agora, com muito mais maturidade e vivências dos meus 32 anos, acredito que em nenhum momento de nossas vidas teremos certezas sobre o nosso futuro, pois a vida, assim como, a formação acadêmica é algo contínuo, não linear e construído dia a dia. Podemos ter sonhos, metas, objetivos, lutar e caminhar em direção deles, mas nunca saberemos de fato o que o amanhã nos reserva.

Sendo assim, como ainda tinha minhas dúvidas, no ano seguinte me matriculei em outro curso preparatório, agora um com uma mensalidade mais acessível que o anterior, já estava um

pouco cansada de rever os mesmos conteúdos e, por esse motivo, comecei a pesquisar faculdades que ofereciam o curso de Medicina Veterinária na região, opções de bolsas e financiamentos, pois eu sabia que este curso possui uma das mais altas mensalidades.

Optei pelo financiamento através do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), escolhi uma Universidade em uma cidade a 43 km de distância de São Carlos, em Descalvado, por ser a mais próxima que oferecia o curso de Medicina Veterinária.

Entrei em contato com a Universidade para saber mais sobre a possibilidade do financiamento e obtive uma resposta positiva, usei minha nota do ENEM para o vestibular e fui aprovada. Recordo-me de ir até Descalvado fazer minha matrícula explodindo de felicidade. Fui indicada a fazer minha matrícula e, posteriormente (ainda no mesmo dia), reunir-me com a responsável para dar início nos papéis necessários para o financiamento. Foi aí que enfrentei a minha primeira dificuldade.

Mesmo tendo buscado informações prévias sobre o financiamento e obter a resposta positiva da universidade, ao conversar com a responsável, ela me contou que para o curso que eu desejava (e já estava matriculada) o valor disponibilizado para o financiamento já estava esgotado, reabrindo apenas quando, os alunos que já possuíam o benefício, se formassem. Meu mundo caiu. A minha primeira impressão foi uma atitude desorganizada ou mal-intencionada da universidade, pois ali mesmo fui informada que caso eu cancelasse a matrícula não receberia nenhum tipo de ressarcimento correspondente a ela e a primeira mensalidade do curso que também era exigida a quitação no ato da matrícula. Chorei e imaginei que não haveria solução. Porém, com o apoio de minha mãe que sempre me fortaleceu nos momentos mais difíceis, mais uma vez daríamos um jeito para que eu desse início ao curso.

E assim fizemos, nessa época eu trabalhava em um escritório como auxiliar administrativa, um trabalho de meio período a tarde. Meu curso era integral e a solução que encontramos foi que eu trancasse as disciplinas oferecidas a tarde, reduzindo, assim, o valor da mensalidade do curso e mantendo meu trabalho para ajudar minha família a pagar as despesas referentes ao curso e minha locomoção.

Todos os dias eu pegava um ônibus às 6 horas da manhã para encontrar uma colega de classe que me dava carona para as aulas, e ao fim das aulas matutinas caminhava cerca de 4 quilômetros a pé da Universidade até a rodoviária para pegar o ônibus intermunicipal para chegar ao meu trabalho minutos antes do início da minha jornada. Foram dois anos nessa rotina exaustiva, entre o trabalho, as viagens diárias e os estudos. Até quando em 2014 outra universidade particular, agora em São Carlos, iniciou o curso de Medicina Veterinária. Eu

prontamente solicitei minha transferência, para iniciar o ano letivo em minha cidade. Nesse momento eu também participei de um processo seletivo para um estágio remunerado em parceria com a Prefeitura de São Carlos que seria realizado no Canil Municipal. Fiquei apreensiva pois era um estágio muito concorrido, eu sabia que muitos estudantes em fase final de graduação (principalmente os da Universidade de Descalvado) iriam concorrer às duas vagas disponíveis e eu não via muitas chances para mim, já que apesar de ter concluído 6 semestres do curso, como citei anteriormente, eu não cursava a grade curricular completa. Mesmo assim, me dediquei ainda mais aos estudos nesse período e obtive o primeiro lugar na lista dos aprovados para o estágio.

Então nos anos seguintes já estudando em São Carlos eu me dividia entre o estágio no período da manhã (das 7 horas às 12 horas), o trabalho (das 13 horas às 18 horas) e as aulas (das 19 horas às 22 horas 30 minutos).

Relembrar minha trajetória, desde a infância até a adolescência, me faz perceber o quanto a literatura se fez presente ao longo dos anos. As histórias contadas por minha família, as leituras, não apenas me proporcionaram diversão, mas também moldaram minha visão de mundo e ajudaram a guiar minhas escolhas. A literatura infantil, com suas narrativas mágicas e personagens encantadores, possuiam um papel fundamental no meu desenvolvimento emocional, enquanto as aventuras e clássicos da adolescência ampliaram meus horizontes e me ajudaram a encontrar meu caminho acadêmico.

Mesmo com as dificuldades e dúvidas que surgiram ao longo do caminho, o amor pelos livros e pelas histórias sempre ofereceram consolo e inspiração. Agora, como professora de educação infantil, meu objetivo é compartilhar essa paixão com as crianças, usando a literatura para tornar o aprendizado divertido e significativo assim como foi para mim.



### 3. FORMAÇÃO - ENCONTROS E DESENCONTROS

Hoje consigo ter a percepção de quão sinuoso foi o caminho que me trouxe até a Pedagogia, ainda que ela sempre se fez tão presente na minha vida.

O contato desde criança com a profissão, sempre admirando minha mãe e minha tia, observando, imitando, amando acompanhar a rotina, fez com que eu me sentisse imersa nesse universo.

A admiração pela profissão, o reconhecimento da importância do professor para a formação de todo ser humano são fatos que sempre estiveram muito claros nas minhas percepções desde muito nova. Todo esse sentimento de carinho e admiração pelo ensinar me levaram a optar pela profissão.

Também sabia tratar-se de uma profissão com dificuldades a serem enfrentadas, mas sabia o quão grande é a sensação de gratidão que a mesma proporcionava.

Hoje, vejo que a identidade de um professor é construída durante a sua formação e sua prática docente. Essa construção começa na formação inicial e vai se desenvolvendo por meio do processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida. A formação de professores alfabetizadores no Brasil teve início no final do século XIX, com a criação das Escolas Normais.

A formação de professores em cursos específicos é inaugurada no Brasil no final do século XIX com as Escolas Normais destinadas à formação de docentes para as “primeiras letras”. Essas escolas correspondiam a nível secundário de então. Devemos lembrar que nesse período, e ainda por décadas, a oferta de escolarização era bem escassa no país, destinada a bem poucos. (GATTI; BARRETO, 2009, p. 37)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) determinou um prazo de dez anos para que a formação de professores, que era de nível secundário, passasse a ser de nível superior. Para Gatti (2010), a partir de 2002, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores (Brasil, 2002), há um esforço por regulamentar os cursos de licenciatura de nível superior, porém com um pequeno espaço para a formação pedagógica específica. Na prática, em pleno século XXI ainda vigora o modelo consagrado no início do século XX para as licenciaturas.

Segundo Santos e Pereira (2016), a partir de meados dos anos 1980, após a redemocratização do país, já havia esforços no sentido de padronização dos cursos de formação de professores.

O Conselho Nacional de Educação, em 1999, discutia como aperfeiçoar a formação docente, em face das diretrizes apontadas por Brasil (1996):

A Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, denominada Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabeleceu diversas inovações muito positivas que tinham como objetivo aperfeiçoar a formação dos profissionais da educação. Uma das mais importantes consiste na criação de cursos específicos de nível superior destinados à formação de docentes para as séries iniciais do Ensino Fundamental (SIEF) e para a educação infantil (EI). O objetivo era o de que esses cursos viessem a substituir a formação em nível médio, como tradicionalmente vinha sendo feita no Brasil, no antigo Curso Normal. Por isso mesmo, os cursos foram denominados Normal Superior. Esta inovação decorre do Artigo 62 da referida Lei, assim como do § 4º do Artigo 87, das Disposições Transitórias da mesma Lei. (DURHAM, OKIDA & NEVES, 1999, p. 325-326)

Os docentes, no entanto, que lecionavam nos anos iniciais eram formados pelas Escolas Normais de nível médio (secundário), nas primícias do século XX. Já a formação dos docentes para o ensino secundário acontecia em instituições de nível superior (licenciaturas). A Lei 5.692/71 reformulou a Educação Básica no Brasil, extinguindo as escolas normais e, assim, a formação desses profissionais passou a ser realizada por habilitação de segundo grau, com a nomenclatura de Magistério (DALBERIO, 2009).

A partir de 1982, pela Lei nº 7.044/82, manteve-se a habilitação do Magistério que permitia ao docente ministrar aulas até a 6ª série do primeiro grau, desde que participasse de “estudos adicionais” definidos pelo Conselho Nacional de Educação. Com uma formação de licenciatura “curta”, o docente poderia atuar até a 8ª série, ou até mesmo na 2ª série do segundo grau, se também tivesse em seu currículo determinados “estudos adicionais” requisitados pelo CNE.

### *3.1 A escolha*

Sobre os encontros e desencontros em minha formação, por mais que eu sempre tive a admiração pela Pedagogia e entendendo suas mudanças e necessidades, expressas pelas Leis como apresentado, até o ano de 2016 eu ainda estava imersa no mundo da Medicina Veterinária, mas sentia que ainda faltava algo, então foi o momento de fazer uma nova escolha.

Desde o período do Ensino Médio, a Medicina Veterinária e a Pedagogia foram minhas preferências, pois sempre quis contribuir fosse cuidando ou ensinando. Mesmo em meio a dificuldade financeira para me manter no curso de Medicina Veterinária, pois o material possuía

um valor elevado, assim como livros e as viagens diárias, sempre conciliando os estudos com o trabalho como auxiliar administrativa, resisti no curso por 5 anos até admitir que não estava realizada com a projeção para o meu futuro profissional. Como abordei na seção anterior, a respeito da minha origem, a Pedagogia sempre esteve presente em minha vida, depois de muito ponderar (pois estaria abdicando de cinco anos de estudos e investimentos) tive certeza que esse era o percurso que eu desejava para meu futuro profissional.

Fiz a inscrição para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e tranquei o curso de Medicina Veterinária em setembro de 2016. Voltei a me dedicar aos estudos nos meses que antecederam a prova e garanti a minha vaga para então, seguir o que sempre esteve em meu coração: cursar Pedagogia na UFSCar.

Ingressei no curso em 2017, muito feliz e realizada, fiz colegas, amigos e tive que me adaptar, pois eu não imaginava que os estudos das áreas de Ciências Humanas para Biológicas seriam tão diferentes. A Pedagogia nos exige uma reflexão profunda, algo que eu nunca havia experienciado na Medicina Veterinária.

No segundo semestre de 2017, então, tive meu primeiro contato acadêmico com a Literatura Infantil, através da disciplina '*A Literatura Infantil e a criança no contexto da alfabetização e do letramento*', na qual comecei a compreender a conceituação de Literatura Infantil, assim como sua importância e contribuições para a oralidade, leitura e escrita da criança.

A professora trouxe diversos gêneros literários infantis, vários títulos e eu que sempre gostei muito de tudo que trouxesse a essência do Brasil e nossas histórias como: folclore, mas fiquei ainda mais encantada pelos cordéis. Fizemos inclusive uma oficina de cordéis com xilogravuras, que foi uma experiência que marcou bastante meu primeiro ano na pedagogia.

Utilizar da literatura de cordel em sala de aula foram momentos de muito aprendizado, pois era necessária a criatividade de cada um o que gerou descontração dos colegas de classe e permitiu que cada um contasse um pouco de sua história através destas aulas.

As disciplinas de Didática e História da Educação também me encantavam e me davam sede de conhecimento.

A disciplina de Didática mostrou-me os processos de ensino e aprendizagem, técnicas e métodos de ensinar, os quais me permitiram construir o conhecimento necessário para possibilitar a aprendizagem dos alunos.

Santos (2003) afirma que

A didática passou de apêndice de orientações mecânicas e tecnológicas para um atual (...) modo de crítico de desenvolver uma prática educativa, forjada de um projeto histórico, que não se fará tão somente pelo edificador, mas pelo educador, conjuntamente, com o educando e outros membros dos diversos setores da sociedade. (SANTOS, p.32)

Já a História da Educação foi uma disciplina estruturada em um trabalho multidisciplinar o que provocou em mim um fortalecimento sobre o processo de ensino e aprendizagem, bem como na produção do conhecimento histórico. Pude perceber tratar-se de uma disciplina que valoriza a multiculturalidade e estuda grupos que por muitas vezes foram desvalorizados perante a sociedade.

Neste momento da minha vida, inclusive, dividia meu tempo entre os estudos e o trabalho em um salão de beleza, que me ocupava a tarde, a noite e os finais de semana.

Minha rotina aqui já estava bem diferente do que nos tempos em que cursava a Medicina Veterinária. Tempos antes eu havia ganho um curso de manicure, que fiz apenas por curiosidade, mas como o escritório em que eu trabalhava encerrou suas atividades em 2016, acabei tendo uma oportunidade como manicure em um salão da mãe de uma amiga do meu irmão e, como esse trabalho me dava uma certa flexibilidade em relação aos horários, acabou sendo uma ótima alternativa para que eu tivesse uma (ainda que pequena) liberdade financeira e tempo para meus estudos. Mesmo com os finais de semanas corridos no salão de beleza, eu estava muito feliz e sabia que todo o esforço valeria a pena.

### *3.2 Desafios enfrentados*

A Pedagogia esteve presente nos momentos mais difíceis da minha vida. No início do quarto semestre perdi meu pai para a depressão e foram meses difíceis que vieram na sequência. Gostaria de deixar aqui relatada a minha gratidão por todo apoio que tive de toda comunidade acadêmica nesse período. Fui muito acolhida por colegas de curso e, principalmente, pelos professores, que estavam sempre disponíveis para conversar e me apoiar de todas as formas possíveis. Meu rendimento acadêmico caiu e foi difícil retomar minha vida em todos os aspectos nesse momento.

Além do apoio que recebi dentro da faculdade, outro fato que colaborou muito para meu retorno ao foco e às atividades acadêmicas foi o contato direto com a Pedagogia e com as crianças através de um estágio não obrigatório que realizei pelo período de um ano.

Foi na escola que fiz meus primeiros anos da Educação Infantil que tive o prazer de revisitar, agora como estagiária e ter meu primeiro contato com as crianças. Lá pude começar a desenvolver e colocar em prática tudo o que eu aprendia em sala de aula.

Inicialmente comecei como estagiária da turma de 3 anos, acompanhando uma professora ainda jovem, que me acolheu carinhosamente e que valorizava minhas contribuições naquele ambiente. A classe era composta por 7 crianças, eu as auxiliava na execução das atividades propostas pela professora, contava histórias, fazia teatro com fantoches, trocava, preparava as mamadeiras e organizava os lanches. O sentimento que eu tinha era que a partir do momento que eu atravessava o portão da escola, toda tristeza ficava do lado de fora. Estava sempre presente de corpo e alma. Todo o carinho que recebi das crianças, assim como os vínculos que criamos, fazia com que eu me sentisse útil e necessária, isso era algo que preenchia meu coração naquele momento de dor.

Posteriormente, fui designada para o berçário da escola, eram cerca de 12 bebês entre 4 meses e 1 ano e meio de idade, esse período foi um grande desafio e aprendizado, pois a professora responsável pela turma passava por problemas de saúde, motivo esse que ocasionou a minha mudança de turma. Sendo assim, as atividades para com a classe e cuidados desses pequenos ficaram sob a minha responsabilidade durante o período de recuperação da professora responsável. A minha maior dificuldade nesse período foi a diferença de idade entre os bebês, enquanto alguns ainda eram muito pequenos e ainda nem se quer engatinhavam, outros já caminhavam e diziam suas primeiras palavras.

No entanto, essa oportunidade de estágio me proporcionou o contato com a integração entre cuidar e educar e sua importância no desenvolvimento integral das crianças. Como destacado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, "O cuidado e a educação são aspectos que se complementam e devem ser considerados de forma integrada para promover o pleno desenvolvimento da criança" (BRASIL, 2016, p. 35). Nessa experiência de estágio pude vivenciar a forma com que o papel do educador vai além do educar e envolve um compromisso profundo com o bem-estar das crianças.

Permitindo que eu percebesse a relação entre os cuidados, o desenvolvimento infantil e a formação de vínculos afetivos. Nessa fase inicial da vida, as interações cuidadoras desempenham um papel fundamental na promoção do bem-estar emocional e físico da criança, moldando suas percepções iniciais do mundo e de si mesmas. Segundo Vygotsky (1978), as interações sociais e do ambiente cultural são fundamentais na construção do conhecimento da criança. Assim, o cuidado na Educação Infantil não se restringe apenas ao aspecto físico, mas

também inclui a criação de oportunidades de aprendizado por meio de brincadeiras, exploração sensorial e interações significativas com adultos e pares, por isso, é indissociável do educar.

Portanto, ao cuidar das crianças nessa faixa etária, os educadores devem considerar não apenas suas necessidades básicas, mas também o impacto das interações cuidadoras no desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

Outro momento marcante da minha graduação foi a pandemia causada pelo vírus do Covid-19<sup>4</sup> praticamente simultânea ao nascimento da minha sobrinha. Laís nasceu exatamente na semana do retorno das aulas após as férias e, por acompanhar seu nascimento e minha irmã na maternidade, tive apenas um dia de aula até que todas as atividades fossem suspensas por conta da pandemia. Tínhamos uma bebê recém-nascido em casa, e em primeiro momento não havia previsão para o retorno das atividades acadêmicas.

Lembro-me de ficar bastante frustrada, pois era um semestre que teríamos vários estágios para cumprir. Mesmo com toda a dificuldade de presenciar o mundo passando por uma pandemia e todas as incertezas que esta trazia consigo, após alguns meses as aulas retornaram *online* e realizei os estágios à distância conforme foram adaptados dentro de cada disciplina.

Os estágios foram realizados através de encontros síncronos online, fora do horário de aula. Nesses estágios tivemos contato direto com professores, coordenadores e diretores de instituições públicas, bem como pais de alunos, por meio de palestras e rodas de conversas. Apesar de todas as limitações que os encontros *online* acarretaram, foram reuniões com muitas informações, aprendizados e muita interação entre os membros presentes. Contato esse que talvez nos estágios presenciais, talvez não teria a oportunidade, como por exemplo, conversar com pais de alunos, saber mais sobre suas novas rotinas e relações com as suas crianças.

Relembrar os desafios enfrentados durante minha graduação me faz perceber o quanto a Pedagogia foi um pilar essencial em momentos difíceis. A perda do meu pai e a pandemia foram períodos desafiadores, mas o apoio da comunidade acadêmica e o contato direto com as crianças foram fundamentais para minha recuperação e crescimento. O estágio, que começou com a empatia e o carinho no ambiente da Educação Infantil, e a adaptação aos novos formatos de ensino durante a pandemia, destacam a importância de estar presente e envolvida, mesmo em meio às adversidades. Através desses desafios, a Pedagogia não apenas sustentou minha

---

<sup>4</sup>Segundo a Organização Mundial da Saúde é uma doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, que em 11 de março de 2020 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à disseminação mundial de uma doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

jornada acadêmica, mas também me ajudou a encontrar propósito e resiliência, moldando a pessoa que sou hoje.

### *3.3 O tornar-se professora*

Tornar-me professora foi uma escolha que veio do coração, motivada pela influência da literatura em minha vida. À medida que avancei nessa jornada, percebi que a profissão de educadora é muito mais do que apenas transmitir conhecimento; é sobre impactar vidas e se adaptar continuamente às mudanças do mundo ao nosso redor. Compartilho minhas experiências práticas em estágios e trabalho voluntário, momentos que contribuíram com experiências enriquecedoras para que eu começasse a compreender a complexidade do ambiente escolar. Desde o entusiasmo das crianças com a leitura até os desafios de trabalhar em contextos diversos, cada experiência contribuiu para moldar minha visão sobre o papel transformador da docência na vida dos alunos.

De acordo com Dassoler e Lima (2012),

O ser professor, no contexto atual, exige certa ousadia aliada a diferentes saberes. Na era do conhecimento e numa época de mudanças, a questão da formação de professores vem assumindo posição de urgência nos espaços escolares. (p.10.).

A citação de Dassoler e Lima (2012) enfatiza que, no cenário educacional contemporâneo, os professores devem continuamente evoluir e adaptar seus conhecimentos. Esta necessidade de constante atualização reflete a realidade dinâmica das escolas, onde novas metodologias, tecnologias e demandas sociais emergem frequentemente. A formação de professores, portanto, não pode ser estática; ela precisa incorporar uma abordagem flexível que permita aos professores responder eficazmente às mudanças e desafios do ambiente escolar. A necessidade de uma formação contínua e adaptativa é essencial para garantir que os professores não apenas acompanhem as transformações no campo da educação, mas também possam proporcionar um ensino que seja relevante e impactante para os alunos em um mundo em constante evolução.

Além disso, seria impossível não citar minhas experiências com os estágios obrigatórios.

Gostaria de destacar o estágio que realizei em 2019 na disciplina de “Práticas de Ensino e Estágio docente em alfabetização e língua portuguesa”, no qual acompanhei uma experiente e muito simpática professora, em uma classe de primeiro ano da rede Estadual. Posso ressaltar que tive uma ótima afinidade com a professora, principalmente por sua abordagem com as crianças, sempre incentivando a leitura. Inclusive no fundo da classe ela mesma montou uma

“minibiblioteca”, a qual as crianças, possuíam livre acesso aos livros e aos finais de semana todos escolhiam um exemplar para levar para casa e ler em família. Na segunda-feira, um momento da aula era reservado para uma discussão sobre os livros lidos, considerações e como os alunos iam revezando os livros, havia sempre uma interação muito legal entre esses que já haviam lido determinada obra e a criança que havia lido naquele final de semana. Inclusive, apesar da pouca idade, eles indicavam livros uns aos outros e a literatura era visivelmente prazerosa para essa turma. Tal fato sem dúvidas era fruto do esforço da Professora responsável pela turma, que estimulava as crianças a ter um contato mais íntimo com a literatura.

Outro estágio que me marcou foi o que realizei em 2020, no qual pude experienciar uma realidade mais dura, pois a escola está localizada em um bairro carente. Localizada no Jardim Real, bairro afastado da região central, próximo à Rodovia Washington Luís. Essa região possui algumas fábricas e pequenos comércios, porém é um bairro residencial. O público da escola em sua maioria é de origem urbana, havendo grande número de pais e/ou responsáveis semianalfabetos ou com pouca escolaridade. As famílias são de nível socioeconômico diversificado, porém é bem nítida a prevalência da classe social baixa, apresentam condições de sobrevivência.

No entanto, é importante ressaltar que essa instituição contava com um amplo quadro de funcionários e uma diretora que não media esforços para que os alunos obtivessem um aprendizado satisfatório em um ambiente acolhedor e rico em conhecimentos e novas vivências.

Por conta do período de férias escolares, esse estágio foi dividido em duas partes, a primeira, de menor duração, no qual acompanhei uma turma de quarto ano, com uma professora que já possuía bastante experiência na profissão, porém com essa turma pude acompanhar apenas as duas últimas aulas no ano letivo, já em clima de despedida para as férias de fim de ano. Talvez por esse motivo eu não me senti bem recebida pela professora, talvez o cansaço do final do ano letivo tenha colaborado para essa sensação.

Já na segunda etapa deste estágio, que aconteceu em fevereiro de 2023, eu pude participar de forma mais efetiva da rotina escolar de uma turma de 2º ano, com uma professora mais jovem e que me recebeu muito bem. A professora me solicitava sugestões de atividades que, após sua aprovação, ela permitia que eu mesma as executasse e corrigisse com as crianças. Em sala de aula, essa experiência foi a que mais me marcou, pois pude atuar com bastante autonomia e sentir um pouco da profissão que escolhi para mim.

Buscando sempre contribuir com a comunidade, realizei também um trabalho voluntário em uma escola da rede pública, localizada no Jardim Jockey Clube. Foram quase 3 meses de



trabalho voluntário, divididos entre 2022 e 2023. Com o intuito de apoiar as ações realizadas na instituição, eu lia para as crianças que chegavam antes do início das aulas, visando manter a organização e proporcionar um momento de aprendizagem de forma descontraída. Levava títulos para ler para eles, organizava pequenas apresentações de teatro e dinâmicas que envolvessem todas as idades, pois a escola abrange as etapas do ensino fundamental e também do EJA, com esta modalidade de ensino não cheguei a ter contato pois acontecia em um horário diferente do que eu estava presente na escola. Também oferecia suporte aos professores quando necessário, em aplicações de provas, execução de dinâmicas, participava das resoluções de conflitos e também apoiava o setor administrativo.

Este período de voluntariado me proporcionou ter uma percepção do funcionamento geral de uma instituição pública, podendo presenciar situações que vão além da teoria ensinada na faculdade. O cotidiano, as reações e intervenções em situações em que o resultado não sai como o esperado, assim como as relações interpessoais, entre alunos e funcionários, corpo docente e discente, assim como as relações com os pais e responsáveis.

Como pode-se notar em minha trajetória de vida e de formação a Literatura de alguma forma foi se fazendo presente, me encantando e me desvendando um universo de muitas possibilidades. Por isso, na seção a seguir destaca-se sua relevância à Educação e sua presença nos próximos passos que a docência poderá me proporcionar.

#### 4 A LITERATURA E OS PRÓXIMOS PASSOS

Atividades inseparáveis na vida das pessoas que são alfabetizadas, a escrita e a leitura fazem parte do processo de evolução do conhecimento. Porém, o hábito de ler não é desenvolvido por muitas pessoas, já que a promoção da leitura é um desafio para os familiares logo nos primeiros meses de vida da criança, devendo ter uma continuidade pelos educadores e professores. Machado (2001, p. 45) ressalta que ‘‘a literatura infantil deve ser um prazer, um convite ao encantamento e ao conhecimento, e não uma imposição. É fundamental que as crianças encontrem prazer na leitura desde cedo para que ela se torne um hábito duradouro.’’ Vemos que a leitura tem sido trabalhada nas escolas desde o momento em que o aluno ingressa na mesma, ainda pequenino.

O livro, objeto de desejo manuseado pela professora, não demora a passar pelas mãos das crianças, que costumam recontar as histórias com todos os detalhes. É nesse momento que vemos pactuada uma paixão que vai (ou deveria) durar a vida toda, pois a mesma escola que produz esse encantamento pela leitura muitas vezes pode ser responsável pelo afastamento do interesse dos alunos por ela. Começam a impor a leitura, escolhendo para os alunos aquilo que querem que eles leiam, sem ao menos questionar se gostam daquele assunto ou não. Santaella (2002, p. 112) observa que ‘‘o papel do professor é crucial na formação do hábito de leitura. Criando um ambiente estimulante e personalizado, onde a leitura é vista como uma atividade prazerosa, e não como uma obrigação.’’

Cintra (2009) salienta que:

É preciso lembrar que a leitura, vista como prática está diretamente inscrita nas relações histórico-sociais. Assim, o sujeito lê o que tem relação com seu modo de vida, necessidades (pessoais e profissionais) e vínculos culturais e sociais. É um direito do sujeito, ser leitor. Assim, a questão central para as políticas públicas é a do direito de ler. (CINTRA, 2009, p. 7).

De acordo com Cunha (1977), são várias as técnicas para despertar o prazer pela leitura desde os primeiros anos escolares, como por exemplo, trabalhando em sala de aula com várias obras literárias que sejam concomitantes com a idade dos alunos. Esse trabalho, porém, torna-se mais difícil à medida que se percebe que a criança não foi instruída desde a primeira infância ao exercício da leitura. Resta aos professores, então, apresentarem a leitura como uma atividade prazerosa. É aí que entram as obras que, por um motivo ou outro, conquistam a simpatia do público em geral como estratégias para que potenciais leitores sejam atraídos para essa prática.

De acordo com Zilberman (1985),

A postura crítico-reflexiva é decorrente da leitura e é extremamente relevante na formação cognitiva das crianças, partindo primeiramente do professor, para em seguida, despertar as potencialidades reflexivas dos seus alunos. Assim, a criticidade estará presente nas aulas de literatura, sem que se perca o encanto e o brilho dos contos de fadas e de fábulas. (ZILBERMAN, 1985, p. 25)

Ouvir e ler histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, questionar. É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de ideia. A partir disso é que será determinante o anseio por deixar de lado, reler, repassar ou ainda construir em cima daquilo que se admirou em ler.

Muitas destas narrativas chegaram até nossos conhecimentos devido ao fato de algumas pessoas se preocuparem em registrar e publicar as mesmas. Logo, essas histórias foram eternizadas em livros e passaram a ser conhecidas mundialmente, sendo consideradas hoje clássicos eternos da literatura.

Podemos citar alguns desses famosos escritores e responsáveis pelo trabalho de registrar e criar essas histórias, por exemplo, os Irmãos Grimm, conhecidos por registrar em textos várias narrativas, das quais sua primeira edição foi intitulada “Histórias das crianças e do lar”, coletânea que continham clássicos como “Chapeuzinho Vermelho” e “O Pequeno Polegar”. Já Charles Perrault nos apresenta contos que falam de princesas, bruxas e fadas e trazem histórias que habitam até hoje o imaginário infantil como "A Bela Adormecida", "Chapeuzinho Vermelho"<sup>5</sup>, "Cinderela", dentre outros. Também o poeta e novelista Hans Christian Andersen, autor de “O Patinho Feio”, “Soldadinho de chumbo”, “João e Maria”, e muitos outros que dedicaram suas vidas aos registros dessas histórias.

Domingos et al (2021) enfatizam ser a vantagem do uso de textos literários o fato de este gênero possuir uma carga enorme de informações, fatos, ações, espaços e contextos. Quase sempre, a linguagem comum é transformada e intensificada pela literatura, desvia-se sistematicamente da fala cotidiana, demonstrando aspectos até então desconhecidos para muitos. O aluno, ao adentrar nesse novo mundo de informações inéditas e, para muitos, interessantes, poderá até identificar-se com os personagens ou, também, com seus atos.

---

<sup>5</sup> Algumas histórias como “Chapeuzinho Vermelho” e “A Bela Adormecida”, foram recolhidas de fundo europeu comum, portanto, as histórias dos Irmão Grimm têm seus finais confrontantes com os finais das histórias de Charles Perrault.

Essas novas informações podem estimular a criatividade do aluno tornando atividades escolares mais prazerosas, além de o professor poder aproveitar esse momento para desenvolver habilidades através do uso da linguagem lúdica.

Assim, esses clássicos percorreram o mundo, e muitos educadores e teóricos afirmam que eles devem ser considerados material básico à educação e formação do ser humano, os quais toda a criança deverá conhecer ou ouvir falar em algum momento de sua vida, agindo em sua vida na construção de práticas e valores. (DOMINGOS et al, 2021)

Conforme Domingos et al (2021), interagir com os fatos e situações oriundos do convívio social, tornou a leitura uma tarefa fundamental, visto que, a atualidade proporciona um acelerado avanço da tecnologia e junto a ela uma grande variedade de informações fidedignas ou não, as quais devem ser avaliadas e selecionadas por pessoas verdadeiramente preparadas para serem leitoras capazes de utilizar o conhecimento devidamente interpretado e aplicado na solução de problemas de suas realidades.

O ensino educativo tem como enfoque primordial a ampliação de habilidades, conhecimentos e compreensões amplas do mundo, permitindo ao aluno, segundo as considerações de Domingos et al (2012), que desempenhe papéis e tarefas sociais de maneira autônoma.

A existência de professores descontentes ao notarem que seus alunos não têm prazer pela leitura é notória em algumas escolas. Como consequência desse desinteresse, apresentam inúmeras dificuldades para a realização das tarefas propostas, sendo essa uma das maiores causas do fracasso escolar: a limitação de muitos diante às atividades que requerem leitura e escrita autônomas.

Diante a tal situação Domingos et al (2012) mencionam a importância dos alunos não se intimidarem com essas propostas, mas sim receberem do professor a orientação quanto a melhor maneira de realizá-las com prazer, por meio da contação de história, pois são as formas narrativas as mais usuais e instantâneas que o ser humano utiliza para estruturar suas vivências e informações.

Segundo Abramovich (1997. p.16), *além da importância que a leitura tem na formação da criança, ainda, consegue despertar o hábito da leitura, o que infelizmente tem sido menosprezado e desvalorizado nos dias atuais.* Não é difícil encontrar pessoas que odeiam leituras e que confessam não ter lido sequer um livro em toda sua vida.

De acordo com Brasil (1998) no Referencial Curricular para a Educação Infantil, a leitura traz vários tipos de benefícios ao ser humano, alguns deles é o desenvolvimento do

repertório e aumento do vocabulário, estimula a criatividade, emociona e causa impacto, nos ajuda a entender o mundo e é uma forma de ter acesso a informações.

O mundo da leitura e dos livros é recebido pelas crianças como uma linguagem diferente, que está pronto para ser explorado e que apresenta características, experiências, traços que poderão ser utilizados de várias maneiras por elas, assim como em uma simples brincadeira como é citado por Brasil (1998)

(...) para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer algumas de suas características. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, relato de um colega ou adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros... (BRASIL, 1998, p.27)

O trabalho na sala de aula com a literatura infantil é imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem e da construção de valores. Na Educação Infantil as histórias muitas vezes são uma das maiores ferramentas dos professores, isto porque, com os pequenos normalmente o trabalho com contos e livros são momentos agradáveis, que não exigem esforço das crianças para participar de tal atividade e se torna muito atrativo e apresenta ótimos resultados de aprendizagem.

Já no Ensino Fundamental, um dos maiores desafios é desenvolver o hábito da leitura, isso porque os alunos já estão voltados para outras atividades que se tornaram parte de suas vidas desde cedo, como televisão, vídeo game e computador, sendo que a leitura na maioria das vezes, não tem nenhum espaço neste meio. É neste momento que o professor precisará buscar histórias que sejam significativas para seus alunos, que despertem seus interesses e que incentivem os mesmos, a realizar leituras como forma de lazer e não por obrigação.

Acredito que, se pretendemos ter um país melhor, mais justo e emancipado, não há dúvidas quanto à necessidade dos professores, além de terem uma sólida formação inicial, desenvolverem estratégias de capacitação e atualização ao longo da carreira, sempre em busca do novo, do aprimoramento, que é a questão mestra da nossa pesquisa.

[...] professor precisa se pautar, sem perder de vista a atualização de seus olhares: nas leituras conceituais e problematizadas da literatura especializada, de uma avaliação constante de sua formação e seu papel social enquanto educador e construtor de opiniões “junto com”, na ponderação dos saberes pedagógicos necessários ao exercício de sua ação interativa na escola e nas descobertas do homem e do mundo (LIMA, 2010, p. 10).

O trecho de Lima (2010) leva à reflexão de que ser professor é uma jornada de constante crescimento e adaptação. O professor precisa estar sempre reavaliando sobre seu próprio desenvolvimento e como seu trabalho influencia o mundo ao seu redor. Ou seja, o papel do professor é mais do que apenas aplicar métodos, não é sobre apenas ensinar, mas também sobre evoluir e se ajustar às mudanças que ocorrem na sociedade e na sua própria prática. É um caminho de aprendizado contínuo e pessoal, onde o educador cresce junto com as novas experiências e descobertas que a vida oferece.

Sendo construída num *continuum*, a formação não se acaba no momento em que o indivíduo finaliza sua graduação. Muito pelo contrário, é quando assume a prática que o professor vai edificando e se apossando de saberes próprios daquela esfera de atuação, por isso, ele continua em formação e, de acordo com Nóvoa (1992),

(...) estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projetos próprios, com vista à construção de uma identidade que é também uma identidade profissional (NOVOA, 1992. p.10).

Assim, a formação pessoal e a profissional estão imbricadas e é a partir de sua história individual, histórica e social, de suas crenças e valores que o professor vai se construindo e se reconstruindo como profissional.

O professor tem uma identidade que lhe é colocada mesmo antes dele se tornar um profissional. Assim, ao escolher a profissão da docência, a pessoa já tem em si, pelo menos esboçada, a identidade profissional da carreira que abraçou. Uma porque tal pessoa já passou pela experiência de ser aluno e, portanto, tem em si uma visão do que é ser professor.

Porque ela também tem internalizado aquilo que o outro atribui à profissão. Entendemos então que, ao se formar professor, o indivíduo já tem uma identidade profissional, que sem dúvida, irá se reconstruindo a partir do momento em que ele estiver experimentando a prática docente.

Como professora de educação infantil, almejo transformar a experiência literária em uma jornada mágica e enriquecedora para meus alunos, explorar e integrar a literatura infantil de forma a cultivar o amor pelos livros desde os primeiros anos de vida. Minha meta é criar um ambiente de aprendizado onde as histórias não apenas incentivem a imaginação e a criatividade das crianças, mas também promovam valores fundamentais, como empatia e respeito. Como já dito anteriormente, o papel do professor é uma constante jornada de evolução; por isso, estou comprometida em me reconstruir continuamente, atualizando meus conhecimentos e técnicas para oferecer sempre o melhor de mim à profissão.

Pretendo em minha prática docente usar a literatura infantil como um instrumento de ensino interdisciplinar. Planejo desenvolver projetos que combinem a leitura com atividades artísticas, científicas e sociais, estimulando as crianças a fazer conexões entre as histórias e a vida real. Acredito que, ao valorizar e explorar a literatura infantil de maneira criativa e envolvente, poderei contribuir significativamente para a formação de leitores críticos, preparados para enfrentar o mundo com curiosidade e confiança. Nesse processo, seguirei me aperfeiçoando e aprendendo novas abordagens e práticas para enriquecer minha atuação e oferecer uma educação que, acima de tudo, acompanhe as necessidades e interesses das crianças. Afinal, o ser professor é um “eterno” processo de (se) fazer e (se) refazer o seu ‘’Era uma vez’’.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de reescrita da minha vida pessoal, acadêmica e profissional, feito de forma discursiva, pode ser considerado agora, depois de finalizado, como minha autobiografia. Voltei no tempo, como se estivesse em uma máquina, revisitei lugares e pessoas imaginariamente e momentos. Consegui perceber a real importância de alguns fatos que, à época, me passaram despercebidos. Revivi momentos importantes da minha trajetória pessoal que já demonstravam qual seria minha opção profissional, mesmo que eu tenha ido por caminhos contrários ao ingressar na Medicina Veterinária.

Assim, meu principal objetivo ao escrever este Memorial de Formação é compartilhar minha trajetória acadêmica e profissional, com ênfase na influência que a Literatura Infantil exerceu em minha decisão de seguir a Pedagogia, analisando a integração entre experiências de vida, formação acadêmica e práticas pedagógicas, destacando o impacto das vivências pessoais na construção da identidade profissional e no desenvolvimento contínuo como educadora.

A metodologia utilizada neste trabalho envolveu a técnica de narrativa autobiográfica em primeira pessoa. Ao adotar esse formato, busquei não apenas relatar eventos, mas também refletir pessoalmente sobre suas implicações e significados. Esse método me permitiu explorar e expressar minhas vivências e aprendizados de maneira subjetiva, com um olhar introspectivo sobre tudo que fui, sou e quero me tornar. Além disso, combinei essas reflexões com análises críticas, utilizando conhecimentos acadêmicos e teóricos para contextualizar e enriquecer minha narrativa pessoal. A técnica de escrita autobiográfica e reflexiva oferece uma visão profunda e pessoal sobre minha jornada, destacando como minhas experiências moldaram minha perspectiva e prática pedagógica.

Ao longo da minha vida pessoal e da minha formação escolar adquiri conhecimentos que enriqueceram minha trajetória como pedagoga e agregaram valor às minhas experiências obtidas durante minha vida. Amadureci emocionalmente e consegui olhar de maneira mais positiva e expansiva a profissão de pedagoga.

Com a oportunidade de reanalisar toda minha trajetória posso dizer que ela não foi fácil. Mas até o presente momento tenho alcançado todas as metas propostas desde que resolvi optar pela Pedagogia, abandonando a Medicina Veterinária. E neste Memorial consegui relatar toda essa trajetória educacional, demonstrando o meu compromisso com a educação e minha dedicação em busca do alcance das minhas metas.



Escrever este Memorial foi um grande desafio, porém muito enriquecedor. Pensamentos, memórias, reflexões sobre as minhas lembranças levaram-me a compreender a importância e a relevância dessa história como fator de crescimento e amadurecimento tanto pessoal quanto profissional. Percebo, então como é importante lembrar momentos marcantes, reconstruir a minha história enquanto a escrevo com base nas lembranças, pois assim, sinto-me impulsionada a buscar novos desafios, seja em novas formações, seja em busca da realização profissional objetivando qualidade de vida que, de uma forma ou de outra, irá refletir no desempenho das minhas funções, bem como nos relacionamentos que construirei na vida. E assim, como em toda boa história, posso concluir que, embora a jornada tenha sido repleta de desafios e descobertas, é nas páginas da nossa própria narrativa que encontramos a verdadeira magia de viver e aprender.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre Barbosa; PASSEGI, Maria da Conceição, (Org) Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. 286p. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação).

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Decenal de Educação para Todos: 1993-2002**. Brasília, DF: MEC, 1993. Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, 2016.

BUOGO, Miriam; CASTRO, Gardenia de. Memorial de formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em de saúde. **Revista Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 2, p. 431-449, maio/ago. 2013.

CINTRA, Flaviane. **O programa nacional de incentivo à leitura (PROLER): concepções e perspectivas**. 2009. Disponível em: [alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem18/COLE\\_4101.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem18/COLE_4101.pdf) . Acesso em: 25 jul. 2024.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes (Org.). **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1997.

DASSOLER, O. B.; Lima, D. M. S. **A formação e a profissionalização docente: características, ousadia e saberes**. IX ANPED SUL-Seminário de Pesquisa em Educação na Região Sul, 2012.

DOMINGOS, Girlaine Paula; MESQUITA, Leda Elaine S.H; SERGIO, Maria Zildineth; AMORIM, Patrícia Abigail; MACHADO, Tânia Rosa. A Importância da leitura na Educação Infantil. **Revista Ibero -Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, 2021.

GATTI, Bernardete Angelina (Org.) **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

GUEDES, Ana Lúcia. **Memorial de Formação - Registro de um Percurso**. **Revista Horizontes**, Campinas, 2006. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf\\_memoriais14.pdf](https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais14.pdf). Acesso em: 27 de jul. 2024.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> acesso em junho de 2024.

LIMA, Paulo Gomes. **Formação de professores por uma resignificação do trabalho pedagógico na escola.** Grandes Dourados: Editora EDUFGD, 2010.

MACHADO, Ana Maria. **Por uma Literatura Infantil de Qualidade.** São Paulo: Cortez, 2001.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e profissão docente.** In:\_\_\_\_\_ (Org.). **Os professores a sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

OMS. **Os nomes da doença coronavírus (COVID-19) e do vírus que a causa.** 2020. Disponível em: [https://www.who.int/es/emergencies/diseases/novel-coronavirus2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-thatcauses-it](https://www.who.int/es/emergencies/diseases/novel-coronavirus2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-thatcauses-it). Acesso em: 17 jul. 2024.

OTTE, M.W; KOVÁCS, A.M. **A magia de contar história.** 2002. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em <https://fdocumentos.tips/reader/full/a-magia-de-contar-historias>. Acesso em 26.mai.2024.

PEREIRA, D. C. de. **Literatura em pauta: reflexões sobre a leitura literária.** São Paulo: Todas as letras, 2015.<https://fdocumentos.tips/reader/full/a-magia-de-contar-historias>. Acesso em 26.mai.2024

SANTAELLA, Lúcia. **Literatura e Educação: O Papel do Livro na Formação do Leitor.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

SANTOS, A. **Didática sob a ótica do pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTOS, Gildenir Carolino. **Roteiro para elaboração de Memorial.** Campinas, SP: graf. FE, 2005.

VYGOTSKY, L. S. (1978). **Mind in society: The development of higher psychological processes.** Harvard University Press.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola.** São Paulo: Editora Global, 1985.